



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARISE GOMES SIQUEIRA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Marise Gomes Siqueira

Nascimento: 23 de outubro de 1969.

Local da entrevista: Teatro São Pedro

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 28 de janeiro de 2015

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 61 min.

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Início na dança; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Aulas com as professoras; Metodologia; Avaliação final; Varinha; Apelidos; Espetáculos; Grupo Terra; Balé de Câmara do Sul; Encerramento da escola; Carreira profissional; Políticas públicas; Regulamentação; Relação entre escolas; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2015. Entrevista com Marise Gomes Siqueira a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

M.S. – Marise Gomes Siqueira.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

M.S. – 23 de outubro de 1969.

M.C. – Qual teu estado civil?

M.S. – Sou divorciada.

M.C. – Tu tens filhos?

M.S. – Tenho duas filhas.

M.C. – Qual tua formação profissional?

M.S. – Sou advogada.

M.C. – Qual tua naturalidade?

M.S. – Sou natural de Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que me dissesse como começou na dança?

M.S. – Eu iniciei meus estudos de dança na escola do professor Rolla em 1975 tenho uma irmã chamada Denise Gomes Siqueira de Grande que estudou lá também. Ela tinha sete anos e eu tinha cinco e a minha mãe me matriculou na escola para ter contato com a dança. Não lembro se foi um desejo nosso, mas eu sempre fui muito apaixonada pela dança. Então nós tínhamos aula duas vezes na semana na sala do Auditório Araújo Viana. O professor Rolla não dava aula nas séries iniciais da escola. Ele dava aula a partir do quarto ano de ponta, mas ele estava sempre na escola.

M.C. – Quem te deu aula neste início então?

M.S. – Eu me lembro de várias professoras a Laura Nikolaiewsky¹, a Virgínia Ruschel², a Vera Ruschel³, a Nani Ruschel⁴, a Maria Aparecida Agustoni⁵ estas foram às cinco professoras com quem eu mais tive contato. A Regina Guimarães⁶ dava aulas já nos níveis avançados de ponta a partir do quarto ano de ponta e o professor Rolla estava sempre presente na escola acompanhando todas as aulas. No meu tempo nós ainda tínhamos aulas com a pianista à dona Cecy⁷. Então nós tínhamos aulas lindamente acompanhadas pelo piano e eu passei a tocar piano a partir disto porque eu achava tão lindo a gente fazer aula com a pianista.

M.C. – E por que teus pais escolheram essa escola?

M.S. – Nós morávamos no bairro Bonfim, na Rua Augusto Pestana, e eu estudava na escola Santa Rosa de Lima que era uma escola de freiras ali na Rua Santa Terezinha. Então talvez pela questão da proximidade... eu não sei qual foi o critério de escolha. Sei que em seguida nós mudamos para o bairro Petrópolis e ficou distante, mas nós mantivemos porque já estávamos vinculadas a escola e ficamos lá até o final. Eu entrei no preparatório, eram três anos de preparatório depois seis anos de aula de pontas quando então nós tínhamos um teste e uma formatura na qual nós tínhamos que criar uma coreografia com seleção de música, com orientação da professora Regina e apresentar. Fazíamos uma aula para uma banca que eram professoras da escola e professoras convidadas. Nós apresentávamos a aula para essa banca e depois cada uma das formandas apresentava a sua criação e era avaliada. Eu lembro muito da seriedade do professor Rolla. Lembro fortemente da presença dele, eu ainda pequenininha, na administração. Ele tinha uma escrivaninha e ele recebia os pagamentos ali. E eu achava a letra dele linda eu não sei se tu tens os registros manuscritos dele... aquela letra era divina. E os boletos de pagamento eram um carnezinho e ele mesmo cuidava disso. Ele ia destacando e sempre auxiliado pela Regina Guimarães que sempre acompanhou ele neste período que eu estive na escola e pelas irmãs Ruschel⁸ que eram pessoas que estavam sempre ao lado dele em todos os momentos. Ele era dedicadíssimo à escola. A questão das apresentações do final de ano, as

¹ Laura Guimarães Nikolaiewsky, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

² Virgínia Ruschel, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

³ Vera Lucia Ruschel Corrêa de Oliveira, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

⁴ Elaine Beatriz Ruschel, ex-aluna da Escola João Luiz Rolla.

⁵ Maria Aparecida Agustoni, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

⁶ Regina Adyles Endler Guimarães, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

⁷ Cecy de Souza, pianista.

⁸ Vera, Virgínia, e Elaine Ruschel três irmãs ex-alunas da escola de dança de João Luiz Rolla.

professoras coreografavam e ele supervisionava. Figurinos ele cuidava pessoalmente, impecavelmente dos figurinos, desde as primeiras turmas com cinco anos até as turmas finais. Ele fazia reuniões de mães, inclusive eu ficava muito preocupada porque minha mãe trabalhava ela era advogada, sempre muito atarefada, e quem acompanhava essas reuniões era minha avó que costurava lindamente. Nessas reuniões ele orientava desde o tecido a ser comprado, o modelo do figurino, os laços e trazia para provas e as mães e as costureiras acompanhavam as provas. Ele era bastante rígido e ele dizia às vezes que um laço não estava do tamanho por um centímetro e a minha lembrança de infância, porque eu não tenho mais esses figurinos, mas a minha lembrança é que eram figurinos lindíssimos, figurinos feitos com muito cuidado, com bons tecidos. Além dos figurinos ele cuidava da luz dos espetáculos. Todos os espetáculos da escola no período que eu estive foram no Teatro Dante Barone da Assembleia Legislativa. Ele cuidava da luz, do som, ele fazia toda a técnica de cada espetáculo. Ele era bastante rígido. O técnico do teatro era o Clóvis⁹ e eu me lembro dele gritando: Clóvis ajusta essa luz! São as lembranças de infância que eu tenho, dele sempre acompanhando. Havia um mito de que ele tinha uma varinha para bater nas alunas.

M.C. – Me fala sobre esta varinha?

M.S. – Jamais! A minha impressão, e o que nós comentávamos, é que ele tinha muito respeito. Quando ele passava a dar aula para as meninas com doze, treze, quatorze anos quando entrávamos na fase dos três anos finais e as aulas eram dadas por ele, ele usava a varinha para contar o compasso e ele evitava tocar nas meninas como era num outro tempo ele pedia com licença para tocar para fazer correções e apoiava com a varinha. Ele tinha todo um cuidado e a varinha servia para encostar. Ele passava e dizia: estica o joelho e aí havia o medo de que ele batia, mas nunca, jamais eu vi bater. Era para isso mesmo para contar o compasso e para evitar tocar nas meninas.

M.C. – O que tu lembras dele como professor?

M.S. – As aulas dele eram bastante técnicas. Ele marcava os exercícios, era necessário ter certa compreensão dos exercícios que ele passava. Então ele demonstrava ou às vezes ele pedia para alguma aluna demonstrar ou alguma assistente se tivesse alguma outra professora acompanhando a aula. Ele era um artista a cada aula. Ele exigia que a gente

⁹ Nome sujeito à confirmação.

tivesse dedicação no sentido de dançar mesmo aulas dançadas não é só movimentos ele pedia expressão, pedia sentimento. Os braços ele sempre cuidou muito dos braços e das mãos. E a gente percebia depois que as alunas do seu Rolla sempre tinham braços e mãos muito expressivos na dança. Nas variações de centro ele mesmo passava. Nas variações das aulas corriqueiras assim, no dia a dia, a gente passava o mês inteiro com a mesma aula para que pudesse nos aperfeiçoar e quando trocava o mês trocavam os exercícios. Então no final daquele mesmo a gente estava com a variação já decorada com mais propriedade com mais segurança e ele ao demonstrar essas variações de centro que geralmente era uma coreografia no finalzinho da aula ele demonstrava com tanta emoção a dança que passava isso para as alunas. Eu me lembro de uma variação de Carmen e ele tirava os óculos, ele dançava e dizia: “vocês têm que incorporar! Eu sou Carmem uma mulher de vida fácil!” Nós tínhamos que demonstrar esse sentimento *nos exercícios de aula!* Nos giros também ele tirava os óculos e dizia: “eu não enxergo nada, sou quase cego, tenho catarata e eu não vou errar o meu ponto final no giro!” Porque a gente marcava a diagonal e ele marcava o ponto e girava lindamente com uma destreza e uma agilidade para a idade que ele tinha e ele demonstrava maravilhosamente sempre dessa forma. E o que ele dizia e eu digo isso até hoje que: “ser bailarina é um estado de espírito”. Se não estiver incluído deste estado de espírito de ser um bailarino, de ser um artista, não tem porque ficar repetindo tecnicamente um exercício ou variações. Não é só técnica que torna um bailarino um artista. Essas são as grandes lembranças dele. Além do carinho dele para com as alunas ele nos chamava de filhas. Colocava apelidos terríveis como, por exemplo: a múmia ressequida. E ele dizia: “sua múmia ressequida, parece uma múmia dançando, vai embora pra casa!” [risos] Ele era muito dramático! “Vai pra casa bater com a cabeça na parede!” [risos] Ou seja, ele chamava atenção de uma forma divertida nós tínhamos o maior respeito por ele. Ele fazia uma cara de bravo, mas ele era um doce. Ele beijava os alunos ao final da aula. E apesar da distância da idade, pois ele era um senhor ele chegava mais cedo, estava sempre lá, e chamava: “filhas?” Ele nunca entrava no camarim na salinha de vestir. Ele batia na porta e dizia: “não vou olhar! não vou olhar! Preciso pegar alguma coisa no armário, mas não vou olhar!” Ele tinha o maior respeito pelas alunas e sempre demonstrou isso de uma forma com um carinho imenso.

M.C. – Gostaria que tu falasses sobre os espetáculos.

M.S. – Eu me lembro de vários. Eu dancei a boneca de pau. Depois tinha um que era o circo. Eu era o urso a minha irmã era o domador. Nós fazíamos par, tinha uma coleirinha com uma corrente. Eu lembro inclusive da coreografia. Depois dançamos uma coreografia que nós chamávamos Espanholas, mas eu não lembro que nome seria e ainda era meia ponta porque só dançávamos em pontas a partir do 4º ano. Já fazíamos aulas de ponta, mas só nos apresentávamos com ponta a partir do 4º ano. Lembro da dança das horas que foi uma remontagem já tinha sido um sucesso da escola. E eu a dancei em 1983 com um figurino lindo de voal verde água. Depois teve uma coreografia que foi um sucesso e foi remontada que eu era iniciante fazia um papelzinho... porque era uma coreografia com as professoras e as alunas formandas. Dançava a Manon Freire¹⁰ e o figurino era uma malha preta e branca, mas não lembro o nome. O que foi muito importante também nos anos 70 foi o Grupo Terra¹¹ onde todas as alunas eram as nossas professoras que eram originárias da escola do Rolla. O grupo não estava ligado à escola. Ele era um grupo independente. E eu me lembro de assistir no Auditório Araújo Vianna o Grupo Terra se apresentando eu ainda era pequena, mas me lembro fortemente disso e eu pensando é isso que eu quero fazer também. A coreografia 2001- Uma odisseia pelas fronteiras sem fim da dança ele montou no Auditório Araújo Viana também. Eu não dancei, eu era pequena, mas essa coreografia foi uma grande viagem do professor Rolla. Foi uma criação que teve muito sucesso. Eu me lembro dele ficar muito satisfeito com o resultado. Eu lembro de todas as professoras e alunas comentando. Eu lembro do bailarino Flávio¹² dançando, depois ele dançou no Balé de Câmara do Sul. Ao concluir ao encerrar meu período na escola em 84, em 85 já entrei como estagiária no Balé de Câmara do Sul. Ele era um grupo que a diretora era a Laura Guimarães¹³ e a Márcia Rothfucks¹⁴ eram as diretoras do grupo. E na própria escola do Rolla selecionavam as meninas que estavam se formando e convidavam para participar como estagiárias. Eu dancei no balé uns três, quatro anos e foi superimportante. Estávamos fortemente ligados à escola do professor Rolla porque quase todas as bailarinas saíram de lá.

M.C. – Sobre o momento de encerramento da escola tu podes contar algo?

¹⁰ Manon Freire, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

¹¹ Companhia de bailarinos gaúchos fundada em 1981 marcou presença no cenário da dança do Rio Grande do Sul até junho 1984.

¹² Luis Flávio Rodrigues, ex-aluno da escola de dança João Luiz Rolla.

¹³ Laura Guimarães Nicolaievsky, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁴ Márcia Rothfucks, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla

M.S. – Em 1986 eu tinha dezesseis anos e ia fazer dezessete no final do ano. Eu lembro que todas as alunas falavam do sofrimento do seu Rolla porque foi um jogo político e o Alceu de Deus Colares¹⁵ era o prefeito. E eu passei a odiá-lo! Porque ele expulsou o Rolla do Araújo Viana. Eu não acompanhei a situação política que aconteceu. Eu tenho a impressão que ele retirou a concepção política do seu Rolla e nada entrou no lugar. Então não houve uma substituição e aí as alunas mais velhas comentavam: “agora o seu Rolla vai morrer!” Porque a vida dele era a escola. Depois havia toda uma luta que eu acompanhei para que fosse aprovada uma lei para dar uma pensão vitalícia para ele. Eu não sei nem se essa lei chegou a ser aprovada. Mas eu ainda não estava engajada politicamente, não acompanhava. Então neste momento final eu não tinha muito contato. Nesta época o Balé de Câmara ainda existia, mas houve uma cisão, um rompimento entre as diretoras a Márcia e a Laura. E ele se transformou em Unicâmara que era o grupo que seguiu com a Márcia e o Balé de Câmara de Porto Alegre com a Laura. Então passou a ter duas companhias. Eu fiquei com a Laura. Depois encerradas as atividades eu fui para o Grupo Mudança por dois ou três anos. A Diretora era a Júni Machado, mãe do Diego Machado e a Heloísa Peres. O diretor geral era o Dionio Kotz que era o dono da academia mudança. Ele era um professor de Educação Física. Alguns coreógrafos passaram por lá como a Marisa Ballarini¹⁶, Victor Navarro¹⁷, Renato Magalhães¹⁸. Eles eram coreógrafos convidados de fora. O Balé de Câmara sempre tinha a participação do Ricardo Ordoñez¹⁹, maestro argentino, que era ligado ao balé Staggium²⁰ de São Paulo.

M.C. – Gostaria que falasses do período após tua formatura na escola.

M.S. – Logo que eu me formei na escola do Rolla, eu tinha quinze anos, eu fui procurar um emprego para dar aula de balé clássico. Eu dei aulas de balé clássico sete anos numa academia chamada Gim Power. Lá fiz alguns espetáculos, apresentações de fim de ano, pois tinha mais de duzentas alunas. Depois eu dei aula de Jazz na Tentus, escola da Sandra Sachs, bailarina do Terpsi e aí eu me formei em Direito e ainda estava dando aula de balé e ainda queria seguir dançando. No último ano da formatura, no último semestre, eu tinha que dar um gás para poder me formar, mas eu pretendia voltar e aí eu me formei em

¹⁵ Alceu de Deus Colares, político.

¹⁶ Marisa Ballarini, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

¹⁷ Nome sujeito à confirmação.

¹⁸ Nome sujeito à confirmação.

¹⁹ Bailarino, coreógrafo nasceu na cidade de Rosário-Praça de Santa Fé Argentina. (1939-2009).

²⁰ Ballet Staggium de São Paulo.

Direito. Porque a gente não tinha como viver da dança, não tinha política de fomento para dança. Logo que eu terminei o ensino médio eu disse para minha mãe que eu queria estudar dança, fazer um curso superior de dança, mas só tinha em Curitiba ou Salvador. E meus pais me disseram que não de jeito nenhum porque como eu ia morar sozinha com dezesseis anos. Então estava fora de questão. Mas meu pai e minha mãe, advogados, eu acabei entrando no curso de direito e me formei e atuo atualmente como advogada. Mas nunca me desliguei da dança, sempre pretendendo voltar a dançar. Sempre ligada às colegas, espetáculos de dança, acompanhando a trajetória de algumas amigas. E eu me casei, tive duas filhas e em 1998 quando o governador Olívio Dutra se elegeu, eu fui convidada pelo Secretário de Cultura Luiz Paulo de Pila Vares para ser assessora jurídica da Secretaria de Cultura. O Secretário Pila me chamava de bailarina jurídica! [riso] Eu era assessora jurídica, mas ele me chamava de bailarina jurídica. Então eu já estava ligada a Associação Gaúcha de Dança, na questão da sindicalização, acompanhava de perto a cena artística de Porto Alegre e assumi a Coordenação da Assessoria Jurídica da Secretaria de Cultura na posse do secretário Pila em 1999 e fiquei lá quatro anos. Deste lugar eu passei a acompanhar as questões da regulamentação da profissão. Em seguida veio à questão do Cref Conselho Federal de Educação Física que passava a exigir dos professores de dança inscrição no Confef Cref. Houve um movimento nacional chamado Fórum Nacional de Dança que lutavam contra isso e orientava os profissionais da dança que não se inscrevessem no Conselho de Educação Física. Por que isso não era necessário nós temos a lei do artista que nos protegia. Várias ações jurídicas foram tomadas em todo o país garantindo que para o artista da dança ele poderia dar aulas de dança ainda que não tivesse a formação acadêmica, pois nós tínhamos pouquíssimos cursos de dança no país. E essas liminares estão ainda em vigor porque a legislação não mudou. Essa luta continua e se iniciou no ano 2000. Ainda é uma das grandes lutas do Fórum Nacional de Dança entidade da qual eu me aproximei e participei de duas diretorias. E agora recentemente na última eleição fui eleita novamente para diretoria. Somos sete diretores das cinco regiões do Brasil e que tem neste Fórum Nacional de Dança uma entidade jurídica desde 2003 que surgiu a partir dessa questão da regulamentação de criação de uma lei específica para o artista da dança, independente da lei do artista técnico de espetáculos e diversões que a lei 6533. Com essa minha passagem pela assessoria jurídica da Secretaria de Cultura tomei contato com esse outro lado, que é o lado da formalização das questões jurídicas e políticas do fazer artístico da dança. Não só no Rio Grande do Sul, mas em todo Brasil. A partir

dessas reuniões que nós fazíamos para discutir editais aqui no Rio Grande do Sul, editais específicos para dança, pois a expressão artes cênicas estava muito ligada à ao teatro, apesar de dança, circo, teatro e ópera serem as quatro áreas das artes cênicas, mas quando se falava em prêmio de artes cênicas a dança não se reconhecia. Acabava sendo sempre o curso de artes cênicas da universidade, que era um curso teatro como continua sendo, agora que mudou a nomenclatura. Mas então nós tínhamos essa grande luta do reconhecimento da dança como área autônoma não só artisticamente, mas academicamente porque já tinha desde 1956 o curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal da Bahia. Então eu entrei em outro universo que era regulamentação, a questão jurídica, a questão de discussão dos editais específicos pra dança, independentes editais de teatro, ou seja, uma grande luta. Entrei como representante do Rio Grande do Sul no Colegiado Nacional de Dança do Ministério da Cultura que tinha a partir da primeira gestão do governo do Lula. Os colegiados foram criados em 2004 no final de 2004 e tinha como objetivo, e ainda é do colegiado, a elaboração de políticas públicas para a área pela sociedade civil de políticas públicas que resultou no plano nacional setorial de dança que acompanha o plano nacional. Uma das grandes conquistas foi que fosse criado um colegiado setorial específico da dança e não de artes cênicas como havia proposto o ministério. Isso partiu do coletivo de dança que estava lá representado que nós teríamos uma câmara setorial de dança e não de artes cênicas. A professora Lúcia Aquino, da Universidade Federal da Bahia, tinha uma presença de lutas institucional muito forte nesse sentido e era diretora do fórum nacional de dança e disse que nós não queríamos ser sub-câmara de ninguém que queríamos ter reconhecido o nosso espaço dentro do ministério. Então foi imediatamente criado o colegiado nacional de dança independente dos outros. Cada coletivo elaborou o seu plano setorial com consultas a profissionais de todo o Brasil, como várias áreas de atuação. Eu participei de duas gestões deste colegiado e fui membro da comissão de relatoria final junto com duas colegas a professora Lúcia Matos da Universidade Federal da Bahia e a professora Mariana Veloso da Faculdade de Artes do Paraná e foi superinteressante essa questão da profissionalização e de como viver da dança. Eu sempre digo que tive que optar, pois eu me separei e as minhas filhas eram pequenas e eu não tinha opção tinha que realmente focar na carreira jurídica que era o que me dava sustento não havia naquela época tantos programas de fomento. As leis de incentivo estavam iniciando, então não havia uma possibilidade de financiamento aqui em Porto Alegre. Então foi uma luta que eu não consegui travar na minha vida e eu sempre digo eu continuo na dança, continuo

envolvida, seja politicamente, ou agora com produção pelo desejo que eu tive de seguir na profissão e não tive a oportunidade em razão de circunstâncias pessoais tive que buscar outro caminho, mas acho que é uma luta que ainda estamos travando. Eu agora novamente como membro da diretoria do fórum nacional de dança estamos encaminhando ao congresso nacional uma minuta de lei específica para os profissionais de dança independente da lei dos artistas que é a lei 6533 que foi criada e elaborada pelos coletivos de artistas de teatro, cinema, e TV, basicamente por atores. Então é uma lei muito mais específica para esta área do que para os profissionais de dança. Agora nem sei, perdi a conta de quantos cursos superiores existem no Brasil mais de 20 certamente contando com pós-graduação também. E a inclusão da dança no ensino formal como disciplina específica, pois tem a previsão na lei de diretrizes e bases da inclusão das quatro linguagens das artes no ensino básico, mas a dança não tinha licenciados suficientes. É uma luta que a gente vem acompanhando, são poucos os municípios e estados que abrem editais para professores de dança na rede pública. Geralmente pedem em artes, teatro, mas nos últimos concursos do Rio Grande do Sul teve seleção para profissionais de dança no município de Porto Alegre também. Então isto é uma forma importante de seguirmos na luta pela profissionalização e também outras questões como a formação de público porque a gente sabe que o acesso às linguagens artísticas na infância tem uma repercussão não só na formação cidadã, mas repercute na formação do público para as áreas específicas das artes. Então é uma luta política onde eu trânsito há quinze anos. A parte da produção surgiu a partir desta militância. Eu senti necessidade de me aproximar do fazer artístico e como não atuo mais dançando há quatro anos eu abri uma empresa de produção a Humanitas Arte e Cultura buscando focar especificamente na produção em dança. Tenho um sócio Paulo Roberto²¹ que foi coordenador da Lei de incentivo do estado. A intenção era essa de fazer bons projetos na área de dança participando de alguns editais. Eu participava do coletivo chamado célula de dança. Mandamos projetos para alguns editais, ganhamos um edital do Iberê Cena de 2012 para realizar um seminário com foco em formação de público para dança contemporânea. Foi realizado em Pelotas em parceria com a Universidade Federal de Pelotas chamava “A dança fora de si” que o mote era discutir com outras áreas das artes e cultura questões ligadas ao público. Depois recebemos o prêmio Klauss Vianna de dança da Funarte em 2013 junto com a professora Lisete Vargas²² e Miguel Cisto²³ para criar o

²¹ Nome sujeito à confirmação.

²² Lisete Arnizault Machado de Vargas

espetáculo chamado Patas Arriba estreamos no Teatro São Pedro e estamos com temporada agora na concha acústica do Multipalco Teatro São Pedro. Retornar a convivência do fazer artístico é fundamental para que a gente consiga colocar em prática isso que a gente vem lutando politicamente há tanto tempo que é a manutenção dos bailarinos no fazer artístico. Então a gente está com um coletivo de seis bailarinos e a nossa intenção é manter este coletivo unido com financiamento com suporte de remuneração para estes bailarinos para que possam continuar dançando neste e em outros espetáculos. Este é o grande desafio como viver da arte no Brasil.

M.C. – Qual a influência da escola de dança de João Luiz Rolla nesta formação?

M.S. - A questão de que ser bailarina é um estado de espírito. O amor do professor Rolla pela arte era algo contagiante. Foi uma vida dedicada à arte. A formação de grandes bailarinos, isso foi o que mais me marcou. Eu via na época as colegas mais velhas do que eu que iam embora de Porto Alegre para poder continuar na dança. Então o Rio Grande do Sul era um exportador. Até na época tinha um slogan que dizia que o Rio Grande do Sul era um celeiro exportador de grãos e eu digo de grãos e de bailarinos! [risos] Porque nós não tínhamos o que fazer com os nossos grandes talentos e os próprios professores diziam: “vai embora”. Então era uma migração fortíssima de bailarinos formados por várias escolas, mas a escola do Rolla nós vemos que eles atingiram certo patamar e iam embora.

M.C. – Em relação às outras escolas da época o que significava dançar na escola de João Luiz Rolla?

M.S. – As outras escolas de dança as diretoras eram mulheres. Então a gente costumava brincar que as outras alunas, eu tinha inclusive uma prima que estudava na outra escola que me contava: “a minha professora não deixa assistir o espetáculo de vocês!” Porque nas outras escolas era assim: “nós somos amigos aqui na escola, mas não gostamos da escola tal.” Mas não! O Rolla nunca incentivou isso. Tanto que eu, certo momento, fiz algumas aulas jazz na Chemale²⁴, com a Leila Shemale que era ótima. E eu ainda estava na escola do Rolla. Nunca teve isso. Talvez por uma questão do universo masculino que talvez isso não fosse fomentado. Ou talvez uma impressão minha que as meninas que a gente convivia no colégio não gostavam, mas o Rolla era uma unanimidade. Porque ele havia sido partner

²³ Nome sujeito à confirmação.

²⁴ Salma Chemale, ex-aluna de Mina Black e Nenê Dreher Bercht no Instituto de Cultura Física em Porto Alegre.

de todas elas, professor de várias delas, ele tinha o respeito por que ele era o Rolla! A dona Tony²⁵ também tinha esse respeito. Outras mais antigas que eu não cheguei a conhecer como a dona Lya²⁶, a própria Chemale... eram sete grandes nomes que foram fundadores da Associação Gaúcha de Dança que era Lya Bastian Meier, a Lenita Ruschel²⁷, a Salma Chemale, o Rolla, a dona Toni, faltam dois... ela foi fundada em 69 com o nome Associação dos Professores de Balé Clássico de Porto Alegre. A ata de fundação original está arquivada até vou verificar onde está esta ata. Então o Rolla era absolutamente respeitado. Ele circulava por todas as escolas, era respeitado por todas as professoras. Então surgiram outras mais jovens como a Vera Bublitz²⁸, Elizabeth Gutierrez²⁹, Maria Cristina Futuro³⁰, Maria Cristina Fragoso³¹ todas elas assistiam o espetáculo do Rolla da escola.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

M.S. – Realmente esta questão da dedicação do amor à arte que a gente percebia no dia a dia do Rolla e o que ele passava para as alunas que seguiram profissionalmente ou buscaram uma profissionalização na dança e para as outras que encerraram ali as suas atividades, é essa questão do amor arte. E essa frase fundamental que diz: ser bailarina é um estado de espírito. A gente não deixa de ser bailarina. Então essa é pra mim a grande lição do Rolla.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁵ Antônia Seitz Petzhold.

²⁶ Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz.

²⁷ Lenita Ruschel Pereira, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁸ Vera Bublitz, bailarina.

²⁹ Elizabeth Gutierrez, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

³⁰ Maria Cristina Futuro, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

³¹ Maria Cristina Fragoso, bailarina.